



REPs - Revista Even. Pedagóg.

Edição Especial Temática: Análise de Discurso em conceitos e procedimentos

Sinop, v. 13, n. 1 (32. ed.), p. 7-20, jan./maio 2022

ISSN 2236-3165

<https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

APRESENTAÇÃO

A LINGUÍSTICA BRASILEIRA É MASCULINA?¹

Roberto Leiser Baronas²

Começo este texto agradecendo vivamente o convite que me foi feito pela Colega Débora Pereira Lucas Costa da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)³ – Câmpus de Sinop – para apresentar este número em homenagem a Profa. Dra. Eni Puccinelli Orlandi por ocasião do aniversário da publicação de seu livro **Análise do discurso: princípios e procedimentos**⁴. Livro este da mais alta relevância e pertinência teórico-metodológica para os estudos discursivos praticados no Brasil e que incentivou muitas gerações de discursivistas a praticarem os estudos discursivos.

Todavia, talvez por conta de uma espécie de ‘licença geriátrica’, como diria um Grande Amigo da Literatura, o Fábio A. Durão, um dos maiores intelectuais que este país já produziu, fugindo um pouco da interpelação inicial, gostaria de falar inicialmente de um aspecto pouco enaltecido no brilhante percurso da Profa. Eni⁵, que é a tradução e/ou organização de traduções de livros capitais para o campo dos estudos discursivos praticados no Brasil e depois como essa tradução nos interpela a constantemente questionar o óbvio.

¹ Parte dessas discussões foram elaboradas para uma das aulas de Linguística no Brasil, disciplina oferecida no ENPE 3 junto ao Bacharelado de Linguística da UFSCAr, no segundo semestre de 2021.

² Faço aqui minha autodescrição: sou um homem branco, heterossexual, com 56 anos de idade e pai de uma filha chamada Carolina, da qual me orgulho muito da paternidade e da convivência de trocas. Espero que essa autodescrição não invalide, *a priori*, os meus questionamentos.

³ Tenho orgulho de poucas coisas que fiz na minha vida acadêmica: uma delas é ter pertencido ao quadro docente da UNEMAT por mais de uma década.

⁴ ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

⁵ Esse percurso pode ser conferido no brilhante texto escrito pela pesquisadora brasileira Suzy Lagazzi e publicado no site da ANPOLL, **Precursoras das Letras**. Disponível em: <https://anpoll.org.br/2019/04/12/precursora-das-letras/>.

Começo então falando de uma tradução que verdadeiramente mudou a minha vida e acredito que de muitos estudiosos da linguagem. Trata-se do livro **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**⁶, publicado inicialmente pela Editora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em 1995. A pergunta do milhão é: mas por qual razão mudou a minha vida? Primeiro, porque esta tradução me mostrou que traduzir é muito mais do que verter conteúdos de uma língua para outra: é principalmente se marcar como *traduautor*, sobretudo politicamente. *Traduautoria* que no caso da Profa. Eni se marca já no título da obra que em francês, que é **Les Vérités de La Palice**⁷. Com efeito, para nós brasileiros que pré-discursos (PAVEAU, 2013)⁸ retomamos ao enunciarmos *La Palice*? Talvez, para uma parcela muito pequena da nossa sociedade essa figura do folclore francês faça sentido. Todavia, para a grande maioria da nossa sociedade, não. Daí a generosidade intelectual e o firme posicionamento político⁹ da Profa. Eni em engendrar outro título para este livro na sua versão em português: não deixando de se posicionar cientificamente em relação às ciências da linguagem – semântica e discurso, mas também em relação à situação política brasileira – uma crítica à afirmação do óbvio. Segundo, porque a partir dessa tradução ela me mostrou que o óbvio é uma construção discursiva, ou seja, não está dado a priori.

Como diz o bom e velho Michel Pêcheux no seu artigo seminal **Delimitações, inversões, deslocamentos...**¹⁰ (1990, p. 17) é preciso “começar a se despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação [ou um estereótipo desse discurso] de modo que o irrealizado advenha formando sentido no interior do sem sentido...”

Coloco lado a lado as capas da edição francesa, publicada pela François Maspero, **Les Vérités de La Palice**, e a edição brasileira de **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**, publicado pela Editora da UNICAMP.

⁶ PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.]. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

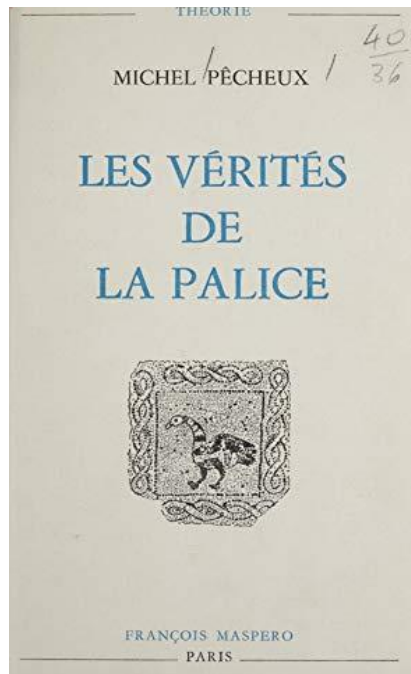
⁷ PÊCHEUX, Michel. **Les Vérités de La Palice**. Paris: François Maspero, 1975.

⁸ PAVEAU, Marie-Anne. **Os pré-discursos: sentido, memória, cognição**. Campinas: Pontes Editores, 2013.

⁹ Não nos esqueçamos de que quando da publicação da primeira edição do **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio** acabávamos de ter o primeiro presidente eleito no Brasil, depois de décadas de Ditadura Militar.

¹⁰ PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 19, p. 7-24, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636823>. Acesso em: 12 mar. 2020.

Imagem 1 - Capa (sem dados do capista)



Fonte: Librairie François Maspero, Paris, 1975.

Imagem 2 - Capa, Capista: Carlos Reis



Fonte: Editora da Unicamp, Campinas, 2014.

Para retomar a feliz questão proposta por Michel Pêcheux: o que é formar o sentido no interior do sem sentido?

No segundo momento deste texto, à luz de uma crítica à afirmação do óbvio, tomo como objeto de reflexão uma questão ainda em gestação nas ciências praticadas no Brasil – a masculinidade da ciência – e que começa a deslizar para a linguística brasileira, ganhando contornos, talvez, pouco promissores.

Com efeito, caso concordemos com a tese defendida por Chassot (2003) em seu livro **A Ciência é masculina?**¹¹ ou reafirmada no seu artigo **A ciência é masculina? É, sim senhora!**¹², livro e artigo, que recomendo fortemente a leitura, a resposta para a pergunta enunciada no título deste texto é bem objetiva, talvez, óbvia: SIM!!! Dado que a linguística é ciência, então ela é masculina. Todavia, é preciso ter certa parcimônia em relação a essa obviedade/evidência construída na

¹¹ CHASSOT, A. **A Ciência é masculina?** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

¹² CHASSOT, A. A CIÊNCIA É MASCULINA? É, sim senhora!. **Revista Contexto & Educação**, v. 19, n. 71-72, p. 9-28, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1130>

tese defendida por Attico Chassot. Talvez muito pertinente para áreas distintas das humanidades.

Para defender essa parcimônia no trato com a suposta masculinidade da linguística brasileira, vou trazer alguns dados relativos à história da linguística engendrada no Brasil. Vou tomar aqui dados em relação às pessoas que ocuparam cargos de presidente/a na Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN – maior associação da área no Brasil¹³, bem como dados relativos aos/às autores/as que em última instância participaram da elaboração dos 08 volumes do **Projeto Gramática do Português Falado**, dado o seu caráter coletivo, interdisciplinar e supra institucional, sem demérito a nenhum outro¹⁴, nosso projeto de maior fôlego da Linguística brasileira. Aliás, de acordo com Ataliba de Castilho, os grandes projetos da linguística brasileira são um dos mais significativos traços de diferenciação da nossa linguística em relação à linguística produzida em outros espaços, histórias e subjetividades.

Poderíamos propor outros recortes, por exemplo, verificar o que predomina em termos de bibliografias nas ementas das disciplinas dos cursos de graduação e pós-graduação em Linguística e/ou em Letras nas nossas universidades – se são bibliografias majoritariamente engendradas por homens ou por mulheres – ou mesmo levantar quais são os/as maiores expoentes em termos de produção intelectual nos diversos domínios e sub-domínios, que constituem a linguística brasileira. Embora muito pertinentes esses recortes, eles têm/tiveram na prática pouco efeito na institucionalização da linguística brasileira.

A opção pelo recorte relacionado à presidência da ABRALIN e pela participação no **Projeto Gramática do Português Falado** se justifica na medida em que foram/são eventos/acontecimentos linguísticos (GUILHAUMOU, 2009)¹⁵, que contribuíram decisivamente para a institucionalização e legitimação da linguística brasileira.

¹³ Com esse comentário não estou desmerecendo as demais associações científicas da área de letras e linguística no Brasil.

¹⁴ Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB; Para a História do Português Brasileiro - PHPB; História das Ideias Linguísticas - HIL...

¹⁵ GUILHAUMOU, J. **Linguística e História**: percursos analíticos de acontecimentos discursivos. Tradução de Roberto Leiser Baronas e Fabio Cesar Montanheiro. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009.

Começo então tomando como referência o livro organizado por Miguel de Oliveira Jr. por ocasião dos 50 anos da ABRALIN¹⁶. Esse livro, como nos diz Batista (2021)¹⁷:

Publicado pela Editora Pontes com arrojado e bonito projeto gráfico que retoma, em 530 páginas, as cores da nova identidade visual da associação (branco, preto e amarelo), o trabalho do Estúdio Guayabo no design convida os leitores a passearem pelos depoimentos e relatos que constituem capítulos do livro. Fragmentos dos depoimentos em letras grandes, como se estourassem em uma tela virtual, servem de divisão entre os capítulos e antecipam palavras dos autores em suas narrativas que ficam entre o histórico, o memorialístico e o técnico.

Em amplo recorte temporal, afinal são 50 anos de história em mais de 500 páginas, apresenta-se uma história da Abralín de 1969 até 2019. Desde as primeiras iniciativas para a formação de uma sociedade interinstitucional até as ousadas perspectivas que colocaram em primeiro plano a efetivação de ações políticas sempre almejadas pelos linguistas que presidiram a Abralín com sua equipe (vice-presidência, secretaria, tesouraria).

Além da apresentação escrita pela historiadora da linguística Cristina Altman, o livro apresenta 24 capítulos: 24 depoimentos ou relatos escritos por linguistas que vivenciaram a história da instituição na função de presidente ou por colegas de linguistas já falecidos que de algum modo estiveram envolvidos na associação como vice-presidentes, tesoureiros ou secretários.

Retomo desse livro, com outros propósitos, o quadro a seguir que apresenta os/as presidentas da ABRALIN.

Tabela 1 - Presidentes/as da ABRALIN

Ano	Presidente
1969-1973	Aryon Rodrigues (1925-2014)
1973-1975	Ângela Vaz Leão
1975-1977	Nelson Rossi (1927-2014)
1977-1979	Carlos Franchi (1932-2001)
1979-1981	Yonne de Freitas Leite (1935-2014)
1981-1983	Francisco Gomes de Matos
1983-1985	Ataliba T. de Castilho
1985-1987	Carlos Alberto Faraco
1987-1989	Miriam Lemle
1989-1991	Maria Bernadete Marques Abaurre
1991-1993	Diana Luz Pessoa de Barros
1993-1995	Suzana Alice Marcelino Cardoso (1937-2018)

¹⁶ OLIVEIRA JR., Miguel. **50 anos de Abralín**: Memórias e Perspectivas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

¹⁷ BATISTA, Ronaldo. Resenha. **Linguística**, Montevideo, v. 37, n. 1, p. 141-147, jun. 2021. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2021000100141.

Ano	Presidente
1995-1997	Maria Denilda Moura (1942-2020)
1997-1999	Leonor Scliar-Cabral
1999-2001	Maria Elias Soares
2001-2003	Maria Cecília de Magalhães Mollica
2003-2005	Lucia Maria Pinheiro Lobato (1942-2005)
2005-2007	Thaís Cristófaró Silva
2007-2009	Dermeval da Hora
2009-2011	Maria José Foltran
2011-2013	Luiz Passeggi
2013-2015	Marília Ferreira
2015-2017	Mariangela Rios de Oliveira
2017-2019	Miguel Oliveira Jr.

Fonte: Miguel Oliveira Jr., 2019.

Como se pode ver no quadro anterior, desde a sua fundação em 1969, a ABRALIN teve 24 presidentes/as. Desse total, 09 são homens e 15 são mulheres. Esse dado nos mostra que a principal associação de linguística do Brasil foi predominantemente presidida por mulheres. O que implica dizer que a participação feminina na formulação e execução de políticas para área foi decisiva. Esse dado reforça a ideia de que é preciso ter parcimônia quando se afirma que a linguística brasileira enquanto ciência é masculina¹⁸.

Mesmo correndo o risco de deslizar para uma questão que foge do escopo principal deste texto, cumpre destacar que embora muito se afirme/ou que os estudos do discurso estariam tomando conta da linguística brasileira e prejudicando-a, no que concerne à presidência da ABRALIN, essa afirmação é completamente improcedente, uma vez que dentre os/as presidentes/as da associação, a única pesquisadora que se inscreve nesse campo de estudos é a Profa. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros, cujo mandato de presidente se deu no período de 1991 a 1993.

¹⁸ Um rápido olhar em outra associação de linguística brasileira, o Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo – GEL, que também tem a mesma idade da ABRALIN, nos mostra que desde a sua fundação, das 26 diretorias, 15 foram presididas por homens e 11 por mulheres, sendo que dessas 15 presidências masculinas a vice-presidência foi ocupada pelas mulheres em 08 oportunidades. Esse dado também nos mostra que a suposta supremacia masculina na linguística merece ser questionada. Ver em: <https://www.gel.org.br/sobre/diretorias>

O **Projeto Gramática do Português Brasileiro** com base em dados coletados de língua oral pelo NURC¹⁹ teve como objetivo primeiro a elaboração de uma gramática do português falado. A esse respeito nos diz Castilho (2021)²⁰:

O Projeto de Gramática do Português Brasileiro teve início em 1987. Naquele ano, a convite da Profa. Maria Helena de Moura Neves, coordenadora do Grupo de Trabalho de Descrição do Português da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística [ANPOLL], apresentei ao respectivo Encontro Nacional, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, o “Projeto de Gramática do Português Falado”, voltado para a preparação coletiva de uma gramática do português falado, com base nos materiais do Projeto NURC.

Depois dessa reunião da ANPOLL, no Rio de Janeiro, Ataliba de Castilho, juntamente com outros/as pesquisadores/as organizou, em Águas de São Pedro, em São Paulo, no ano de 1988, o I Seminário desse projeto cujo plano inicial era “preparar uma gramática referencial do português culto falado no Brasil, descrevendo seus níveis fonológico, morfológico, sintático e textual” (CASTILHO, 2021)²¹.

Desde a sua concepção o **Projeto de Gramática do Português Brasileiro** entendeu que uma proposta de tamanha envergadura não poderia filiar-se a uma única orientação teórico-metodológica, uma vez que os/as participantes do projeto por conta das suas formações estão inscritos nas mais diferentes escolas e domínios das ciências da linguagem. Outro reconhecimento do projeto foi o de que era preciso somar esforços com pesquisadores/as das mais diferentes instituições brasileiras, daí o seu caráter supra institucional, envolvendo pessoas da USP, UNICAMP, UNESP, UFMG, UFRJ, UPF-RS, UFU, UFPR, PUC-SP, PUC-RS, PUC-

¹⁹ Segundo a página inicial do Projeto NURC-Digital, o Projeto da Norma Urbana Linguística Culta (Projeto NURC) teve seu início em 1969, tendo sido proposto como uma extensão do *Proyecto de Estudio Coordinado de la Norma Lingüística Culta de las Principales Ciudades de Iberoamérica y de la Península Ibérica*, de que participavam países de língua espanhola da América Latina. A proposta inicial do Projeto era documentar e estudar a norma falada culta de cinco capitais brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. A seleção dessas capitais foi feita a partir dos seguintes critérios: ter a cidade pelo menos um milhão de habitantes e estratificação social suficiente para atender às exigências do projeto. Disponível em: <https://fale.ufal.br/projeto/nurcdigital/>

²⁰ CASTILHO, A. T. de. Gramática do Português Brasileiro: fundamentos, perspectivas. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, p. e252, 26 abr. 2021. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/252>

²¹ CASTILHO, A. T. de. Gramática do Português Brasileiro: fundamentos, perspectivas. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, p. e252, 26 abr. 2021. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/252>

MG, UEM, UFMS, UFPE²². Segundo Castilho (2021, p. e252)²³ como forma de organização:

distribuíram-se os pesquisadores por Grupos de Trabalho (GTs), sob a coordenação de um deles. Cada GT traçaria o perfil teórico que pautaria suas pesquisas e organizaria sua agenda de pesquisas. Os textos que fossem sendo discutidos e preparados no interior de cada GT seriam posteriormente submetidos à discussão pela totalidade dos pesquisadores, reunidos em seminários plenos. O corpus a ser utilizado é uma seleção de entrevistas do Projeto NURC/Brasil, realizada de acordo com as características desse projeto.

No período que compreendeu os anos de 1988 a 1998, foram realizados dez seminários temáticos nos quais os textos resultantes dos GTs foram apresentados, debatidos e reformulados. Esses textos deram origem inicialmente a uma série própria intitulada **Gramática do Português Falado** constituída por 08 volumes ensaísticos e publicada pela Editora da UNICAMP. O primeiro volume²⁴, organizado por Ataliba de Castilho, tratou da questão da ordem do português falado. O segundo volume²⁵, organizado por Rodolfo Ilari, discutiu a questão dos níveis da análise linguística. O terceiro volume²⁶, organizado por Ataliba de Castilho discutiu as diferentes abordagens na análise dos dados. O quarto volume²⁷, organizado por Ataliba de Castilho e Margarida Basílio debateu os estudos descritivos. O quinto volume²⁸, organizado por Mary Kato refletiu sobre a questão das convergências entre os diferentes domínios da linguística.

²² A saber: Universidade de São Paulo - USP; Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; Universidade Estadual Paulista - UNESP; Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG; Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ; Universidade de Passo Fundo - UPF-RS; Universidade Federal de Uberlândia - UFU; Universidade Federal do Paraná - UFPR; Pontifícia Universidade Católica - PUC-SP; Pontifícia Universidade Católica - PUC-RS, Pontifícia Universidade Católica - PUC-MG; Universidade Estadual de Maringá - UEM; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS e Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

²³ CASTILHO, A. T. de. **Gramática do Português Brasileiro: fundamentos, perspectivas**. Cadernos de Linguística, v. 2, n. 1, p. 252, 26 abril 2021.

²⁴ CASTILHO, A. T. de (org.). **Gramática do Português Falado** - vol. I, A Ordem. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1990.

²⁵ ILARI, R. (Org.). **Gramática do Português Falado** - vol. II, Níveis de Análise Linguística. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

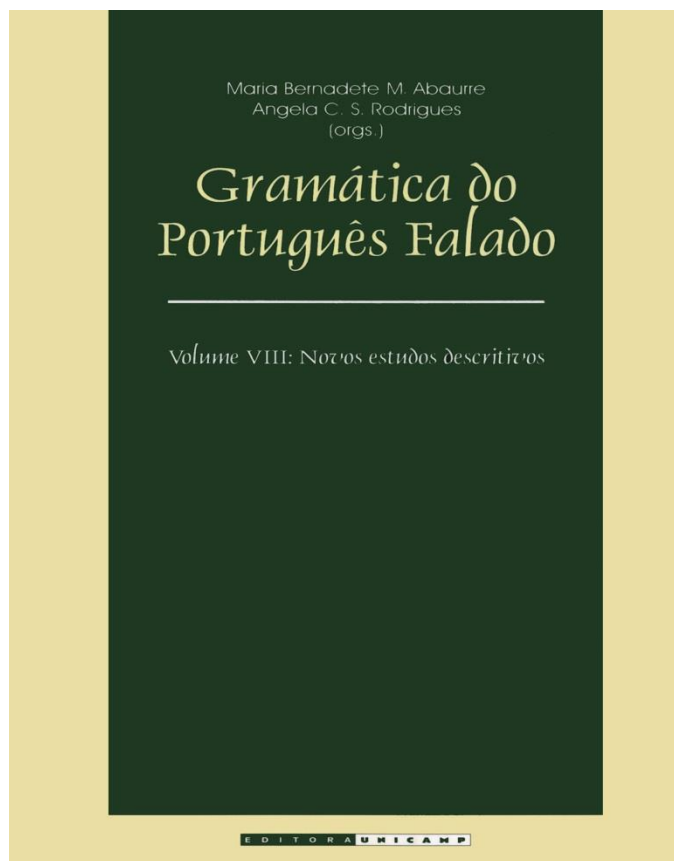
²⁶ CASTILHO, A. T. de (org.). **Gramática do Português Falado** - vol. III, As Abordagens. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1993.

²⁷ CASTILHO, A. T. de; BASÍLIO, M. (org.). **Gramática do Português Falado** - vol. IV, Estudos Descritivos. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1996.

²⁸ KATO, M. (org.). **Gramática do Português Falado** - vol. V, Convergências. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1996.

O sexto volume²⁹, organizado por Ingedore G. Vilaça Koch, debateu os desenvolvimentos da linguística. O sétimo volume³⁰, organizado por Maria Helena de Moura Neves, discutiu os novos estudos em linguística. O oitavo³¹ e último volume, organizado por Maria Bernadete M. Abaurre e Ângela C. S. Rodrigues discutiu os novos estudos descritivos. Abaixo trago as imagens das capas dos volumes VIII e VII, publicados pela Editora da UNICAMP:

Imagem 3 - Capa, Capista: Adilton Clayton Santos



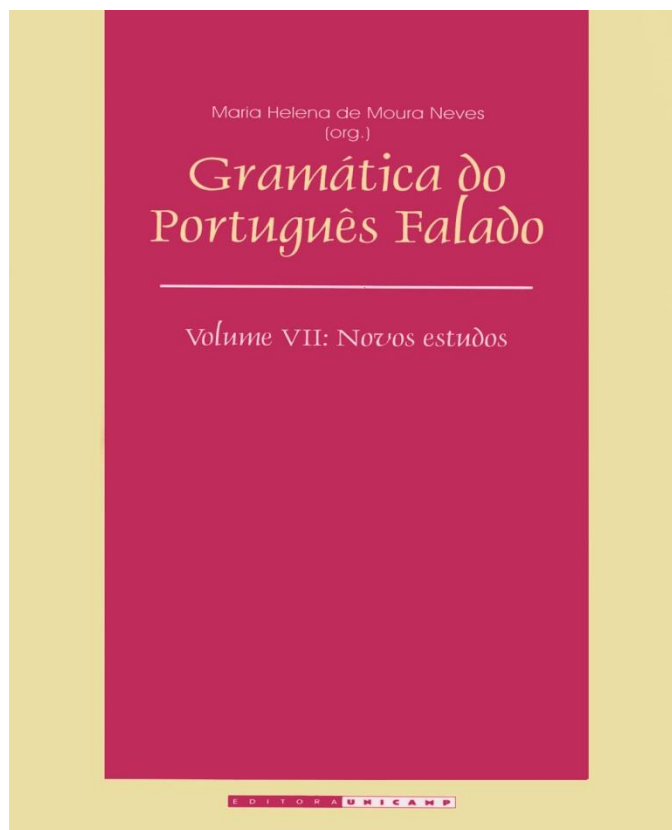
Fonte: Editora da Unicamp, Campinas, 2002.

²⁹ KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do Português Falado** - vol. VI, Desenvolvimentos. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1996.

³⁰ NEVES, M. H. M. (org.). **Gramática do Português Falado** - vol. VII, Novos estudos. São Paulo / Campinas: Humanitas / Editora da Unicamp, 1999.

³¹ ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, Â. C. S. (org.). **Gramática do Português Falado** - vol. VIII, Novos Estudos Descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

Imagem 4 - Capa, Capista: Adilton Clayton Santos



Fonte: Editora da Unicamp, Campinas, 1999.

Segundo Ataliba de Castilho (2021, p. 252)³² atuaram na elaboração desses 08 volumes, 48 pesquisadores e pesquisadoras ligados a 12 universidades brasileiras e distribuídos nos seguintes GTs:

- (1) Fonética e Fonologia, coordenado inicialmente por João Antônio de Moraes, e posteriormente por Maria Bernadete Marques Abaurre.
- (2) Morfologia Derivacional e Flexional, coordenado por Margarida Basílio e Ângela Cecília de Souza Rodrigues, respectivamente.
- (3) Sintaxe das Classes de Palavras, coordenado inicialmente por Rodolfo Ilari, e posteriormente por Maria Helena de Moura Neves.
- (4) Sintaxe das Relações Gramaticais, coordenado inicialmente por Fernando Tarallo, e posteriormente por Mary Aizawa Kato.
- (5) Organização Textual-Interativa, coordenado por Ingedore Grunfeld Villaça Koch, e posteriormente por Clélia C. Spinardi Jubran.

Os seguintes pesquisadores atuaram na elaboração dos ensaios publicados nos 8 volumes da série Gramática do Português Falado:

Ângela Cecília de Souza Rodrigues (USP)
Antonio José Sandman (UFPR)
Ataliba Teixeira de Castilho (USP/Unicamp/CNPq)

³² CASTILHO, A. T. de. Gramática do Português Brasileiro: fundamentos, perspectivas. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, p. 252, 26 abr. 2021. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/252>.

Carlos Franchi (USP/Unicamp)
Célia Maria Moraes de Castilho (Doutora - Unicamp)
Célia Terezinha Guião da Veiga Oliveira (UFRJ)
Charlotte Galves (Unicamp)
Clélia Cândida A. Spinardi Jubran (Unesp-Assis / São José do Rio Preto)
Dercir Pedro de Oliveira (UFMS)
Dinah Maria Isensee Callou (UFRJ)
Erotilde Goreti Pezatti (Unesp-São José do Rio Preto)
Esmeralda Vailati Negrão (USP)
Fernando Tarallo (Unicamp)
Giselle Machline de Oliveira e Silva (UFRJ)
Hudinilson Urbano (USP)
Iara Bemquerer Costa (UFPR)
Ieda Maria Alves (USP)
Ingedore Grunfeld Villaça Koch (Unicamp)
João Antônio de Moraes (UFRJ)
José Gaston Hilgert (UF-Passo Fundo)
Léa Gamarski (PUC-RJ)
Leda Bisol (PUC-RS)
Leonor Lopes Fávero (USP/PUC-SP)
Luiz Antonio Marcuschi (UFPe)
Luiz Carlos Cagliari (Unicamp)
Luiz Carlos Travaglia (UF-Uberlândia)
Marco Antônio de Oliveira (UFMG)
Margarida Basílio (UFRJ)
Maria Bernadete Marques Abaurre (Unicamp)
Maria Cecília Pérez de Souza e Silva (PUC-SP)
Maria do Carmo O. T. Santos (Universidade Estadual de Maringá)
Maria Guadalupe de Castro (Doutoranda - PUC-SP)
Maria Helena de Moura Neves (Unesp-Araraquara)
Maria Lúcia C. Vitório de Oliveira Andrade (USP)
Maria Luiza Braga (UFRJ)
Maura Alves de Freitas Rocha (UF-Uberlândia)
Mary Aizawa Kato (Unicamp)
Mercedes Sanfelice Risso (Unesp-Assis)
Michael Dillinger (UFMG)
Milton do Nascimento (PUC-MG)
Odette G.L.A.S. Campos (Unesp-Araraquara)
Paulo Galembeck (Unesp-Araraquara)
Roberto Gomes Camacho (Unesp-São José do Rio Preto)
Rodolfo Ilari (Unicamp)
Rosane de Andrade Berlinck (Doutoranda - Unicamp)
Sírio Possenti (Unicamp)
Zilda G. Oliveira Aquino (Doutoranda - PUC-SP)
Yonne de Freitas Leite (UFRJ)

A partir dos anos 1990, o Prof. Milton do Nascimento da PUC-MG passou a atuar como assessor do Projeto, realizando uma leitura crítica de todo esse material ensaístico produzido nos 08 volumes. Assim de acordo com Castilho (2021, p. 252):

Encerrada a agenda do PGP, deu-se início em 2000 à consolidação dos ensaios e teses publicados, de que resultou a versão em 7 volumes da Gramática do Português Culto Falado no Brasil. Essa obra, voltada para o público universitário, interessa aos professores de Português do curso

médio, alunos e professores dos cursos de graduação e pós-graduação em Letras, e pesquisadores pós-graduados, além de interessados nos desenvolvimentos da Língua Portuguesa ocorridos no Brasil na segunda metade deste século:

- Vol. I – Jubran – (Org. 2015).
- Vol. II – Kato; Nascimento (Orgs. 2015).
- Vol. III – Ilari (Org. 2014).
- Vol. IV - Ilari (Org. 2015).
- Vol. V – Neves (Org. 2016).
- Vol. VI – Rodrigues; Alves (Orgs. 2015).
- Vol. VII - Abaurre (Org. 2013).

Na sequência, trago duas imagens das capas dos volumes I e II resultantes do trabalho final do Projeto, isto é, 07 volumes da **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Alguns desses volumes foram publicados pela Editora Contexto de São Paulo.

Imagem 5 - Capa, Capista: Gustavo Vilas Boas



Fonte: Editora Contexto, São Paulo, 2015.

Imagem 6 - Capa, Capista: Gustavo Vilas Boas



Fonte: Editora Contexto, São Paulo, 2015.

À GUISA DE UMA PROVISÓRIA CONCLUSÃO

Para além de todo o legado teórico-metodológico e um modelo de trabalho acadêmico coletivo, “promovendo a convivência com contrários”, como nos diz Ataliba de Castilho (2021, p. 252), muito digno de ser repetido à exaustão, deixado por esse projeto, ele também nos mostra que a linguística brasileira embora o possa ter sido em seus primórdios³³, definitivamente não é masculina.

Uma vista d’olhos nos participantes de todas as etapas do Projeto deixa patente a presença muito forte das mulheres, quer seja na condução dos GTS, quer seja na organização e publicação tanto dos 08 volumes ensaísticos iniciais, quanto das 07 teses finais. Corrobora essa afirmação o fato de que das 48 pessoas que participaram do Projeto, 30 eram mulheres e 18 eram homens.

³³ Asserção que no nosso entendimento carece ainda de muita discussão.

Corroborar uma vez mais à asserção anterior, o fato de que desde a sua fundação em 1969, a ABRALIN teve 24 presidentes/as. Desse total, 09 são homens e 15 são mulheres. Esse dado nos mostra que a principal associação de linguística do Brasil foi predominantemente presidida por mulheres, o que implica dizer entre outras coisas que as mulheres tiveram papel preponderante e não apenas coadjuvante na formulação de políticas para a área.

Infelizmente, essas constatações em relação à linguística brasileira, com base nos dois acontecimentos linguísticos brevemente analisados, não servem de *template* para as demais ciências praticadas no Brasil e, especialmente, não esvazia a nossa luta diária de combate a qualquer tipo de discriminação, preconceito ou intolerância ao diferente. É preciso ainda avançar muito nessas renhidas lutas dentro e fora da academia.

Tenho a mais absoluta convicção de que o percurso acadêmico da Profa. Eni Orlandi é uma prova incontestável de que a linguística brasileira ao longo de sua história foi sendo gestada por mulheres e homens, e que Eni, se me permitem a intimidade, é uma fonte inesgotável de inspiração em todas as lutas por um Brasil mais heterogêneo.

Correspondência:

Roberto Leiser Baronas. Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita (Unesp). Professor associado no Departamento de Letras e no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR); Professor Colaborador no PPGEL da UFMT e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível 1 C. É um dos coordenadores da Comissão de Análise de Discurso da ABRALIN. É o coordenador da Unidade de Pesquisa em Linguística Popular (UPLiP/UFSCar). É também um dos coordenadores do Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais (LEEDiM/UFSCar/CNPq). São Carlos, São Paulo, Brasil.

E-mail: baronas@uol.com.br

Recebido em: 15 de dezembro de 2021.

Aprovado em: 24 de março de 2022.

Link/DOI: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/6280/4593>